

Para Jerusa, Princesa das Águas vivas.

Marlyse Meyer

Arquivo pessoal



Marlyse Meyer e Jerusa Pires Ferreira

No ano passado, 2006, Jerusa e Marlyse comemoraram os 30 anos do seu imprevisto encontro em Salvador, Bahia, sob os auspícios de Carlos Magno e seus doze Pares, que ambas, cada uma de seu lado, vinham estudando.

1976 foi o ano em que, sem a rede protetora de uma formação acadêmica adequada, eu me atirara, com grande encanto, no mundo da chamada *cultura popular*. Nele focalizei um espaço que de início acreditava bem delimitado, não imaginando sua interminável extensão geográfica: o espaço percorrido por Carlos Magno e seus Pares, os caminhos da gesta carolíngia.

Da França à Ibéria, à Itália do Norte, de Veneza ao sul do Mediterrâneo, dos Alpes aos Andes, da Oropa à Bahia.

E na Bahia, em 1976, num congresso de Antropologia, onde, não especialista, resolvi me inscrever e contar das proezas dos “doze cavaleiros/ Homens muito valorosos,/ destemidos, animosos/... foram uns leões cruéis/ os doze pares de França.” como *versou* Leandro Gomes de Barros. Conteí também de congos e congadas, onde encontrei um Carlos Magno rei do Congo.

Terminada a sessão, surge uma figura morena, olhos risonhos, que vem me falar de Carlos Magno. E logo de muitas outras coisas. A morena risonha era Jerusa... Cultíssima em qualquer cultura. Entabulou-se um diálogo que dura até hoje. E já naqueles dias ficamos inseparáveis. Conheci sua linda casa no morro. E haveria de conhecer todas as suas outras casas, porque continuou o diálogo quando ela veio de mudança para São Paulo.

E como conversávamos! Todos os assuntos. Ainda o Almirante Balão, Ferrabraz seu filho, o bálsamo de Oliveiros. Os prazeres e descobertas das pesquisadoras fanáticas que éramos. As leituras. As crises. As angústias, indecisões, alegrias também, das recém divorciadas. Do seu pai, “homem do sertão” e de sua farmácia em Feira de Santana. Das cantorias. E como Jerusa canta! Dos filhos. Das festas populares. Das nossas festas. Da editora João do Rio que publicara um Rocambolé completo. De Sinclair das Ilhas, cavaleiro escocês admirado por Riobaldo Urutú branco e dos heróis da Cavalaria em Cordel. E tanta abobrinha!

Não vai ser possível resumir aqui esses trinta anos de trocas afetivas e intelectuais.

Mas ainda não se esgotaram os assuntos, que as mudanças dos tempos tornam às vezes amargos. Mas as risadas continuam. E o afeto. O círculo se ampliou, pois Jerusa teve a generosidade de me abrir a roda de seus alunos amigos.

Fique o registro dessa fundamental amizade que uniu e une a galega e Jerusa, a Princesa das Águas Vivas.

São Paulo, Fevereiro de 2007

Marlyse Meyer é professora de literatura francesa no Departamento de Língua e Literatura Francesa da FFLCH/USP e professora titular no Instituto de Artes/UNICAMP, onde criou o Núcleo de Estudos Comparados em Cultura Popular e fundou o Departamento de Artes Cênicas.